

FACULDADE DE DIREITO DA
UNIVERSIDADE DO RECIFE

LABORATÓRIO MÉDICO-LEGAL

PERÍCIA MÉDICO-LEGAL EXECUTADA NA
PESSOA DE

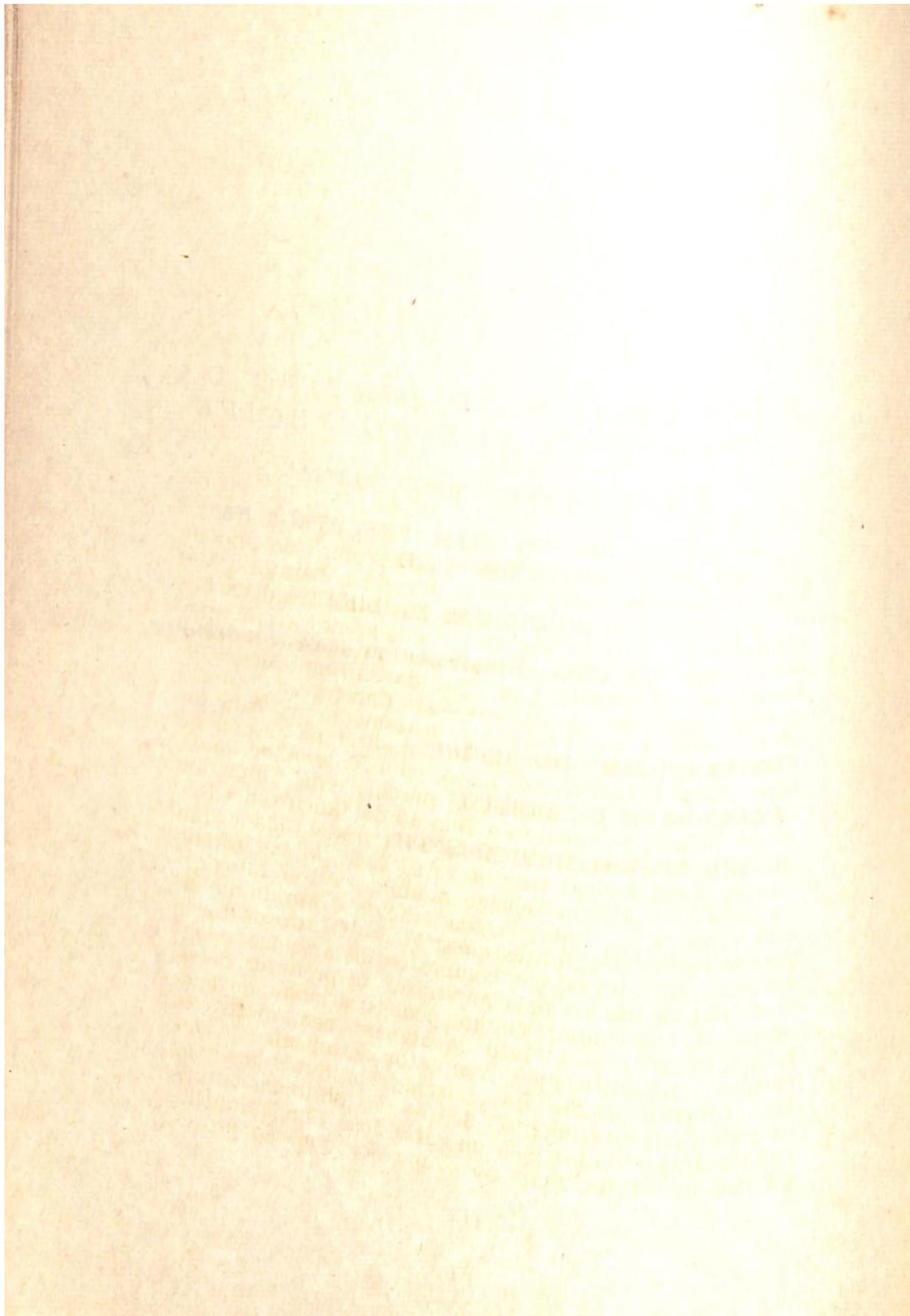
JOSÉ CHAGAS DE LIRA

PERÍTO: Evaldo Altino Mélo de Araújo

UNIVERSIDADE DO RECIFE

FACULDADE DE DIREITO

LABORATÓRIO MÉDICO-LEGAL



Aos cinco dias do mês de Dezembro do ano de mil novecentos e cinquenta e um, no Laboratório Médico-Legal anexo à Cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Direito da Universidade do Recife, por solicitação do Senhor **Professor Francisco Barreto Rodrigues Campêlo**, eu, Evaldo Altino Mélo de Araújo, médico, assistente da Cadeira de Medicina Legal desta Faculdade e residente na Rua do Chacon n.º 234, nesta Cidade, realisei na pessoa do Snr. JOSÉ CHAGAS DE LIRA, com 51 anos de idade, casado, servente, brasileiro, nascido em Timbaúba, neste Estado e residente à Rua 10 de Janeiro, n.º 165, no Alto do Pascoal, em Água Fria nesta Cidade, um exame médico-legal para a verificação do seu estado de saúde atual, em relação a uma possível intoxicação crônica, oriunda de seu trabalho. Foram-me apresentados os seguintes quesitos: — O fato de tocar alguém, sem luvas, em compostos de arsênico e outros tóxicos usados na composição de produtos destinados a exterminar cupim pode ocasionar envenenamento? 2.º) — O fato de alguém, sem máscaras, respirar enquanto, mõe, compostos de arsênicos e outros venenos usados nos referidos produtos pode ocasionar envenenamento? 3.º) — Os sintomas atualmente apresentados pelo operário José Chagas de Lira podem ser incluídos no grupo dos que são provo-

cados pela intoxicação crônica por arsênico? 4.º) — Os exames de urina e de sangue podem denunciar, dois anos depois do abandono do contato com aqueles inseticidas a presença, no organismo, de arsênico ou outro tóxico que entre na composição daquele produto? 5.º) Há qualquer processo que apure, no vivo, depois de dois anos de abandono do trabalho da fábrica de inseticidas, a existência de arsênico em dose tóxica? Se existe qual é êle?

Passarei a responder esses quesitos, após a realização do exame no paciente.

HISTÓRICO

O paciente, José Chagas de Lira, foi servente numa indústria de cupinicida, à Rua Camboa do Carmo n.º 93, 1.º andar, até Fevereiro de mil novecentos e cinquenta quando deixou o referido serviço por se encontrar doente. O seu trabalho, àquela época, consistia em lidar com venenos usados no cupinicida; ora trabalhava no seu preparo, misturando o arsênico com naftalina, ora, fazendo imunizações com o cupinicida em imóveis. Trabalhou cerca de quatro anos nessa profissão e nessa indústria. Durante o trabalho, não costumava usar qualquer proteção tal como luvas, avental apropriado, máscara purificador de ar, etc. Um dia, foi encarregado pelo seu patrão de ir à Secretaria de Agricultura buscar um certo veneno, de forma líquida, parecendo uma "garapa de mel" e que não conhecia anteriormente. Foi, então, encarregado pelo seu patrão para, com esse veneno, fazer uma limpeza no quarto sanitário do escritório da firma onde trabalhava. Usou um vassourão para esfregar o tal preparado nas paredes e, nessa ocasião, estava nú da cintura para cima.

No dia seguinte, sua pele começou a secar e descamar, sobretudo no rosto e no tronco, aparecendo, em seguida, pequenas ulcerações em certas partes descamadas. Notou, também, ainda por essa ocasião, perturbação visual e fraqueza geral. Receitou-se com o médico Dr. Antonio Tartaruga, filho do seu ex-pa-

trão, tomando umas injeções (não sabe que injeções) que lhe fizeram melhorar. Não ficou em condições, no entanto, de poder voltar a trabalhar. Esta é a história que nos conta o paciente.

EXAME

Paciente de estatura mediana, de compleição regular, com panículos adiposos bem distribuídos, mucosas visíveis ligeiramente descoradas; apresentando uma marcha meio trôpega. Bem orientado no tempo e no espaço, apresentando grau de instrução muito elementar. Disseminadas por todo o seu tegumento, notam-se pequenas manchas hipercrônicas, sendo as maiores do tamanho aproximado de uma moeda de dez centavos.

Pais do paciente já mortos; não sabe dizer de que morreu seu genitor. Informa que sua genitora morreu de uma "caimbra de sangue". Sua genitora teve dez filhos, dos quais quatro morreram em tenra idade, não sabendo informar de que; teve um irmão que morreu em idade adulta, trabalhando no mesmo serviço do paciente. Diz que sua genitora foi "sifii-tica".

Refere que sempre gouzou saúde, nunca tendo tido doenças venéreas, e que a única vez que adoeceu foi em consequência à uma estrepada de um carapicho. É casado e tem seis filhos que gozam relativa saúde. Sua mulher teve um parto prematuro, nascendo morto o fêto.

Atualmente, sente muita fraqueza, tonturas e caimbra nas pernas e queixa-se de deficiência de visão na vista esquerda principalmente, não podendo enxergar bem de longe, o que lhe dificulta sua locomoção pelas ruas da Cidade. Sente tonteira logo ao levantar-se, pela manhã, não podendo trabalhar. Diz que antes de adoecer no serviço, nada sentia e enxergava bem. Atribue a sua doença atual à ação do veneno.

Dorme relativamente bem, alimentando-se nor-

malmente e só, em certas ocasiões, tem sentido falta de apetite.

O exame dos aparelhos, revelou: tensão arterial máxima de 130, por mínima de 95; reforço da segunda bulha no fóco aórtico. Intestinos funcionando relativamente bem, com certa tendência à prisão de ventre. Urina normalmente. Reflexos tendinosos e cutâneos conservados; sinal de Romberg negativo, bem como o de Argyll Robertson. Esternalgia e tibi-algia presentes. Manchas arredondadas hipercrônicas, sendo as maiores do tamanho de uma moeda de dez centavos, disseminadas por todo o corpo.

Visão diminuída para longe, sobretudo a esquerda. Pedimos exames especializados de pele e de olhos, respectivamente aos Doutores Silvio Campos (dermatologista) e Tubal Valença (oftalmologista), ambos residentes nesta Cidade, cujos resultados foram os seguintes (ver documentos anexos, ns. 1 e 2): "Exame do Sr. José Chagas de Lira — Notamos discriminadas por todo tegumento manchas hipercrônicas, sendo as maiores do tamanho de 10 centavos, provavelmente reliquat de piodermite. Notamos ainda nas coxas uma grande placa de elaicomiose, a Reações de Wassermann e Kahn no sangue Positivo (+ + + +)" ass) Silvio Campos. "Exame de José Chagas de Lira — 8125 Visão para longe: O. D. V-08, O. E. 0,50 † 90 V. 0,4. Visão para perto: O. D. † 4,0 V, O. † 4,0 — 0,50 x 90° V-4. Reflexo pregnesco Oculi: N. Diagnóstico: Presbiopia. Nota: Nada apresenta que justifique a idéia de intoxicação pelo arsênico. ass) Dr. Tubal Valença".

DISCUSSÃO

Um indivíduo trabalhando durante muito tempo numa indústria como a do presente caso, isto é, uma indústria cupinicida, na qual, entre outras substâncias tóxicas, entra em grande parte o arsênico para a composição do agente cupinicida, poderá sofrer um processo de intoxicação lenta, pelo referido veneno, desde que não tome as devidas precauções

para a sua segurança. O arsênico, pode penetrar no organismo através de várias vias, inclusive a pele quando não íntegra. (Gonzalez, Vance and Helpern, Legal Medicine and Toxicology) e as vias aéreas superiores.

Necessário, no entanto, se faz o contato prolongado da substância tóxica, seja através da pele danificada, seja aspirada, em poeira fina, pelas vias aéreas superiores.

A intoxicação crônica pelo arsênico, contudo, dá em resultado um quadro clínico bem definido, estudado e descrito por um grande número de autores especializados. Gonzales, Vance e Helpern, referem, como sintomas dessa intoxicação crônica, uma neurite crônica que se extende da periferia para o centro, com paralisia de músculos das mãos, dos pés, anestesia e distúrbios tróficos, queda de cabelos e de unhas, gastroenterite crônica com náuseas e diarreia, queratose e, algumas vezes hiperqueratose das palmas das mãos e solas dos pés, perda de peso, etc. Com esses autores, estão Sydney Smith e Fiddes, Douglas Kerr, Etienne Martin, Simonin, Fonzes-Diacon e muitos outros. O paciente examinado nenhuma sintomatologia clínica apresenta de uma intoxicação pelo arsênico ou por outro tóxico. Seu quadro clínico é de um processo sífilítico, apresentando, mesmo, exame sorológico — reações de Wassermann e Kahn no sangue — positivo quatro cruces. Normalmente existe arsênico, em dosagem mínima, distribuído por todos os órgãos do nosso organismo. Durante o estado de intoxicação lenta, essa dose estará aumentada e será fácil de ser pesquisada nos humores e nos fâneros; cessada porém, a absorção do veneno, a tendência é a eliminação do excesso do tóxico, o que se processa através das excreções e dos fâneros (cabelos, pêlo e unhas), voltando a existir no organismo apenas a dose normal do arsênico. A pesquisa, pois, do tóxico, em dose excessiva, no sangue, na urina e, modernamente, nos cabelos e pelos, será de grande valor para a avaliação da existência de uma intoxicação lenta desde que não haja decorrido grande pra-

so (os autores consideram o prazo máximo de dez meses) entre a parada da absorção do veneno (afastamento do indivíduo do local onde absorvia o tóxico) e a realização da pesquisa. No presente caso, o paciente está afastado do trabalho onde presumia haver se intoxicado há mais de dois anos.

CONCLUSÃO

Pelos exames realizados no paciente — exame clínico geral e especializados de pele, sangue e olhos — podemos concluir pela não relação do seu estado atual de saúde com uma possível intoxicação pelo arsênico, ou por outro tóxico, oriunda do seu trabalho, tornando-se, assim, dispensável a pesquisa pelo March, de arsênico no organismo do paciente.

RESPOSTAS AOS QUESITOS

E, passando a responder os quesitos formulados, informamos que: ao 1.º — que não (para que houvesse o envenenamento, seria necessário que o contato fosse repetido, diário, durante algum tempo); ao 2.º) que não (para que houvesse envenenamento, seria necessário que a aspiração fosse repetida, diária, durante algum tempo); ao 3.º) — que não; ao 4.º) — que não; e ao 5.º) — que não (o exame microquímico dos fâneros — cabelos, pêlos e unhas — revelaria a impregnação tóxica do arsênico, ou melhor, o excesso da dose normal existente, dentro de um prazo menos dilatado do que o arguido no presente quesito).

Nada mais havendo a descrever e a informar, dou por encerrado este laudo que por mim vai devidamente assinado e rubricado.

Laboratório Médico-Legal da Faculdade de Direito da Universidade do Recife, em cinco de Dezembro do ano de mil novecentos e cinquenta e um.

ass.) EVALDO ALTINO MELO DE ARAÚJO

UNIVERSIDADE DO RECIFE — FACULDADE
DE DIREITO

LABORATÓRIO MÉDICO-LEGAL
Perícia Técnica

Prof. Evaldo Altino Mélo de Araújo

LAUDO MÉDICO-LEGAL

Aos oito dias do mês de Julho do ano de mil novecentos e cinquenta e três, no Laboratório Médico-Legal, anexo à Cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Direito da Universidade do Recife, por designação do Excelentíssimo Senhor Diretor desta Escola, em despacho no Ofício número sessenta e dois, de vinte e sete do mês próximo passado, do Senhor Delegado de Polícia do Município de Serinhãém, o abaixo assinado Doutor Evaldo Altino Mélo de Araújo, professor assistente da Cadeira de Medicina Legal, realizou uma perícia técnica numa faca "peixeira" que acompanhou o citado Ofício, para pesquisar a existência, ou não, de sangue humano no referido instrumento que conta haver sido empregado num crime de morte naquela localidade.

Exame Técnico

Foi-nos apresentada uma faca, tipo "peixeira", com respectiva bainha de couro, medindo doze e meia polegadas em sua extensão total, sendo oito polegadas de lâmina cortante e quatro e meia polegadas de cabo. A lâmina apresenta certo desgaste em seu gume cortante e está encrustada, por um prolongamento, em um cabo de madeira através de três cravos de metal rebitados de ambos os lados.

Macroscopicamente (a olho nú), podem-se notar manchas, de coloração acastanhada, parecendo ferrugem, por toda a extensão da lâmina cortante em ambos os lados. Na parte posterior do cabo, que é de madeira toscamente trabalhada, podem-se notar, também a olho nú, pequeninas manchas irregulares de coloração vermelho-achocolatada.

O exame microscópico, através da lupa estereoscópica, evidenciou detritos de ferrugem e argila, de mistura com substância de coloração vermelho-achocolatada nas manchas existentes em toda a superfície da lâmina cortante da faca (ambos os lados e, sobretudo, no seu gume cortante). No cabo, o exame microscópico revelou, na área das manchas encontradas, uma crôsta de coloração avermelhada.

A bainha, que é de couro lavrado de um de seus lados, mede oito e meia polegadas de extensão, apresentando uma costura no seu lado lavrado feita por uma tira de couro de dois milímetros de largura; apresenta uma coloração castanha escura, denotando uso continuado. Aberta a bainha, por um de seus gumes, de cima a baixo, foram encontrados em seu interior, nas duas faces, detritos de ferrugem e argila e, na face da costura, manchas irregulares, visíveis à olho nú, de coloração vermelho escura. O exame microscópico dessas manchas revelou serem elas constituídas por uma crôsta de coloração vermelha intensa.

Foram tiradas fotografias das peças examinadas, bem como de alguns detalhes nelas encontrados de interesse para a presente perícia.

Provas Químico-Biológicas

Para a pesquisa de sangue nos objetos examinados, foram empregadas provas químico-biológicas genéricas (para a determinação de sangue) e específicas (para a verificação de sangue humano). Tanto na lâmina, no cabo e na bainha da faca periciada,

foram colhidas amostras do material a ser investigado por raspagem e por impregnação húmida com papel de filtro. O material colhido por raspagem foi dissolvido em sôro fisiológico, fazendo-se um macerado e o colhido, por humidificação, em papel de filtro foi investigado no próprio papel de filtro.

Como provas genéricas foram empregadas as do Luminol (trinitroftalidrazina), de Adler (benzidina acética), de Sheede-Kastle-Meyer (fenolftaleína) e a da Leuco-verde-de-malaquita. Tôdas essas provas são as chamadas das reações coradas e são devidas a um fenômeno de oxidase ("o sangue funciona como um fermento oxidante indireto que tira o oxigênio à água oxigenada, fazendo-o atuar sôbre o reagente com o qual forma um composto corado" — Arnaldo Amaro Ferreira). São reações, portanto, para a pesquisa de sangue no material examinado. Em tôdas as provas empregadas os resultados foram positivos demonstrando, cabalmente, a existência de sangue nos elementos objetos da perícia.

Como provas específicas — aquelas que provam ser o sangue humano —, foram empregadas as da microcristalização (cristais de hemina, ou hematina) ou seja a chamada prova dos cristais de Teichmann e a da sôro-precipitação, ou prova de Uhlenhuth. Para a realização dessas provas, das manchas onde parecia haver maior quantidade de sangue (tanto na faca, como na bainha) foi colhido o material por raspagem e dêle feito uma maceração em sôro fisiológico. A solução assim obtida foi centrifugada, para que os detritos sólidos (areia e ferrugem) pudessem ser isolados; no líquido super-nadante, foi colhido material suficiente para a pesquisa dos cristais de Teichmann e para a prova de sôro-precipitação, realizada por meio do sôro específico anti-humano, existente no Laboratório, e com sensibilidade até 1/20.000 (um por vinte mil). Em ambas as provas realizadas, os resultados foram positivos, isto é, numa houve a formação dos cristais de Teichmann e noutra c anel indicativo da sôro-precipitação, demonstrando, irrefutavelmente tratar-se de sangue humano o material pesquisado.

CONCLUSÃO:

Concluindo, baseados nos resultados obtidos pelas provas empregadas, podemos afirmar que na faca periciada, como em sua bainha, existiam vestígios de SANGUE HUMANO.

Sem nada mais haver sido perguntado, damos por encerrada a presente perícia, passando a assiná-la em seguida.

Em 8 de Julho de 1953.

Evaldo Altino Mélo de Araújo
Professor Assistente